

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O homem no século XXI: histórico?
Um estudo sobre o homem contemporâneo a partir da psicanálise

Thereza Portinari

São Paulo
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O homem no século XXI: histérico?
Um estudo sobre o homem contemporâneo a partir da psicanálise

Thereza Portinari

Graduação em Psicologia pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como
exigência parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia, sob a orientação do
Professor Dr. Hemir Barição.

São Paulo
2009

*Aos homens e mulheres
da minha vida,
João, Thiago, Paulo,
Gabriela e Anna.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente a minha família, a cada membro dela, que à sua forma me possibilitou ser quem eu sou. À minha mãe Gabriela, pelo exemplo de dedicação e amor ao estudo. À minha avó Anna Verônica, que é um espelho e um exemplo de psicanalista para mim. À meu pai João, que mesmo distante me emociona sempre. À meu padrasto Luiz, que se mostrou tão disponível quando menos imaginava. À meu irmão Thiago, que mesmo sem saber possui papel crucial neste trabalho.

Gostaria de agradecer a minha terapeuta que acolheu meus delírios e me ajudou a trazê-los para o papel.

Quero agradecer às minhas amigas Amanda, Ana, Adriana, Aline, Juliana e Fernanda pela compreensão e a capacidade que elas possuem de me tranquilizar quando estou mais aflita.

Agradeço meu orientador Hemir Barição, que com sua tranquilidade e paciência me possibilitou pensar livremente, sem pressa ou prazo e imprimir minha identidade em todos os processos de execução deste trabalho.

Por fim agradeço a Paulo Buosi por me mostrar o amor como só ele sabe.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre quem é o homem da pós-modernidade, considerando seu contexto social e histórico, constituindo uma análise do mesmo a partir dos conhecimentos psicanalíticos a cerca da histeria. Para a realização desta obra optei por fazer um estudo teórico, a partir de uma revisão bibliográfica de autores, tanto clássicos, como Freud e Lacan, quanto modernos como J. D. Nasio. Com isto observei que a histeria masculina se faz presente desde sempre, porém possui nomenclaturas distintas, a fim de preservar o masculino, uma vez que a histeria é considerada algo pertencente às mulheres. Como conclusão pude observar que na era em que vivemos os homens estão apresentando diversos sintomas histéricos, antes somente reconhecidos em mulheres e que a sociedade tem participação ativa neste processo, mostrando-se histérica. O intuito deste trabalho não é rotular os homens contemporâneos de histéricos, mas sim de observar como as manifestações históricas presentes na sociedade pós-moderna os afetam.

Palavras-chave: histeria, homem, masculino, contemporâneo, sintoma.

SUMÁRIO

Introdução	1
Metodologia.....	4
I. O caminho da histeria.....	5
II. A formação do sujeito histérico.....	10
III. As novas representações históricas.....	17
III.I. Violência doméstica e os ataques de cólera.....	18
III.II. A impotência sexual e a ejaculação precoce.....	20
III.III. O alcoolismo.....	23
IV. O homem do século XXI: histérico?.....	25
IV.I. A dança das cadeiras: o homem, a mulher e as novas configurações.....	25
IV.II. O homem e as relações amorosas.....	28
IV.III. O homem, seu corpo e sua sexualidade.....	30
Conclusão.....	33
Bibliografia.....	35

INTRODUÇÃO

Que é ser uma mulher e, especificamente, que é ter um órgão feminino? Observem aí que nos encontramos diante de alguma coisa singular – a mulher [histórica] se interroga sobre o que é ser mulher, tal como o sujeito [histórico] masculino se interroga sobre o que é ser mulher.¹ (Lacan)

A escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso levou alguns meses para ser decidida, e a razão para tê-lo feito, confesso, só ao final do percurso descobri sua real finalidade. Ao fim e ao cabo cabia descobrir a constituição do que é ser mulher por um caminho de certo modo inverso, quer seja, questionando o que é ser homem.

A epígrafe de Lacan explicita a intenção do trabalho: o objetivo a ser cumprido aqui é tentar compreender quem é este homem atual e como ele se movimenta no jogo dos espaços de homens e mulheres.

O enfoque desta análise sobre o homem contemporâneo se dará a partir da histeria, e o modo como esta neurose os afeta. Com isso acredito que seja possível compreender melhor a situação atual do masculino e suas mudanças, sem máscaras ou apelidos.

Iniciarei a obra fazendo o traçado histórico da histeria, desde a época greco-romana, passando por Platão e Aristóteles até chegar a Freud. A cronologia feita sobre as descobertas da histeria trará luz, assim espero, ao surgimento do conceito de histeria masculina, uma vez que a histeria, inicialmente, era remetida apenas às mulheres. Neste momento será possível observar que a histeria feminina não possui muitos tabus e é socialmente mais bem aceita que a

¹ Lacan, Jacques. *O Seminário*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1985. Vol 3, p. 112.

masculina. Para o homem histérico poder existir foi necessário camuflar seu nome, afim de proteger os homens desta doença “feminina”.

O segundo capítulo irá tratar da teoria psicanalítica em torno da histeria. Neste ponto é possível observar a constituição do sujeito histérico, sua relação com o complexo de castração e o modo como a neurose aparece em homens e mulheres. J. D. Nasio, um dos autores citados neste capítulo afirma que não é possível dizer que exista uma histeria masculina e uma feminina, pois existe apenas a histeria, que acomete a ambos os sexos, sem diferenciação.

O capítulo referente à teoria histérica me fez questionar o que diferenciaria a histeria entre homens e mulheres, pois apesar de não haver diferenciação dos sexos, a literatura aponta para uma sintomatologia diferente para cada um dos sexos. Isso constatado, decidi investigar quais eram os sintomas históricos mais recorrentes entre os homens e conclui que os mais comuns eram o alcoolismo, impotência, ejaculação precoce, ataques de cólera e violência doméstica.

Com esta nova gama de sintomas desenvolvi um capítulo - o terceiro - analisando mais a fundo cada sintoma. Como foi dito acima, houve um esforço por parte da sociedade para dissociar a histeria do caráter masculino; com isso a histeria toma nova forma e aparenta estar mais difundida do que imaginávamos.

Por fim desenvolvi um capítulo – o quarto - procurando analisar o homem atual, observando a condição em que ele se encontra na sociedade e como ele lida com as mudanças que vêm acontecendo nas relações amorosas, familiares e no trabalho. A histeria, creio eu, é apenas um dos modos de se observar este novo homem que vem surgindo e que ainda é pouco conhecido.

Freud passou sua vida se questionando o que é ser uma mulher e o que é que uma mulher deseja. A mulher é aquela que necessita do significante masculino para poder ter voz, ou ser reconhecida, no entanto parece que as

mulheres estão conseguindo cada vez mais conquistar seu espaço e ocupar lugares antes ocupados pelos homens. Maria Rita Kehl conta que a descoberta da psicanálise sobre a questão do falo ser um significante e não necessariamente o pênis colaborou para a mudança das relações entre homens e mulheres; atualmente a mulher também pode dar ao homem o valor fálico que seu pênis merece.

Elas [mulheres] recém descobriram, por conta da própria psicanálise, que o órgão masculino só possui o valor fálico que elas lhe conferirem.²

Com isto, a pergunta que Freud passou anos para tentar responder, agora é dirigida para o homem: o que é ser um homem? O que um homem deseja? Qual o valor que o homem possui?

A intenção deste trabalho, portanto, é tentar jogar mais luz sobre este território ainda obscuro: o abismo masculino.

² Kehl, Maria Rita. *Freud e os mistérios da masculinidade*. (2009) <http://www.mariaritakehl.psc.br/busca.php>

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é teórica, com recurso à teoria psicanalítica para sua fundamentação. Neste sentido foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema “histeria” em diversos autores, tanto clássicos como contemporâneos.

Camila Pedral Sampaio expõe, assim, a metodologia psicanalítica:

(...) o modelo psicanalítico supõe que o singular, aquilo que é característico de uma situação tomada em sua unicidade, seja tomado como expressão do universal, aquilo que compartilhamos todos como humanos, e do particular, aquilo que alguns de nós compartilhamos por pertencer a determinado grupo. Desta forma é que a psicanálise foi inventada, como conhecimento, quer dizer, é porque um caso exibe características comuns a todos os sujeitos de uma determinada classe que a teoria sobre a neurose obsessiva pôde ser reformulada inteiramente a partir do estudo do *Homem dos Ratos*, um caso singular, por exemplo. E é porque os obsessivos participam da categoria universal de humanos que, a partir deste mesmo caso, temos condições de entender melhor a função paterna e o campo humano das superstições e da relação com a morte. Então, na interlocução e na construção teórica, a singularidade pode ser conduzida à relação com fatores mais ou menos universais ou particulares a certo grupo. O conhecimento psicanalítico é produzido na circulação entre estes três planos.³

A teoria psicanalítica foi a abordagem utilizada para retratar o tema “histeria”, pois a mesma foi uma das grandes descobertas da psicanálise, que colaborou para o surgimento da teoria do inconsciente. Outra razão para a escolha da psicanálise é, como foi citado acima por Camila Pedral Sampaio, que o conhecimento psicanalítico pode ser empregado do singular (particular) para o

³ SAMPAIO, Camila Pedral. *Algumas idéias sobre pesquisa em psicanálise*. *J. psicanal.* [online]. jun. 2006, vol.39, no.70, p.243-255.
<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100016&lng=pt&nrm=iso>.

plural (universal), o que possibilita observar o sujeito histérico como um fenômeno social.

I - O percurso da histeria

Como marco introdutório ao nosso tema, iniciarei com uma “cronologia da histeria” até à atualidade, fornecendo uma perspectiva histórica da neurose.

O tema histeria vem sendo estudado desde a época greco-romana, passando por grandes autores e estudiosos do assunto. Inicialmente a histeria era relacionada estritamente às mulheres, mas com o decorrer do tempo descobertas foram sendo realizadas a respeito da origem da mesma e ela passou a ser um diagnóstico que abrangia os dois sexos.

O interesse deste trabalho é compreender melhor a passagem da histeria unicamente feminina para o surgimento de uma histeria que atinja ambos os sexos, igualmente, e observar como essa histeria se manifesta no homem, tanto na antiguidade como na contemporaneidade.

Na era greco-romana, o pai da medicina, Hipócrates, e o filósofo Platão, se dedicaram ao assunto e trouxeram a luz à idéia de que a histeria era um deslocamento do útero dentro do tronco, chamado “sufocação da matriz”. O útero se deslocava afim de obter certa umidade, como se fosse um animal sedento; naquela época havia a idéia de que o útero era um animal que vagava pelo corpo da mulher com desejos próprios. De acordo com os escritos de Hipócrates, cada lugar onde o útero se instalava durante sua locomoção produzia determinados sintomas, como quando ele se deslocava para o fígado, os olhos se reviravam e a

mulher ficava fria. À época a histeria estava estritamente ligada à sexualidade e as relações sexuais das mulheres, e isso fica patente quando Hipócrates propõe o tratamento preventivo: no caso de mulheres solteiras, o casamento; para mulheres casadas, o coito; e, para a viúva, a gravidez.

Neste momento a histeria aplicada a homens foi muito pouco cogitada, pois o conceito de histeria, no caso “sufocação da matriz”, girava em torno do útero e de seus deslocamentos. No entanto um estudioso chamado Arétéé postula que talvez existisse a possibilidade de existir alguma forma de histeria masculina, que também é representada por uma sufocação e perda da voz, porém o autor, infelizmente, não desenvolve sua teoria.

Com o passar do tempo foi-se criando a idéia de que o útero não se deslocava a fim de se umedecer em outros órgãos, apenas se expandia e se contraía. A descoberta é creditado a Soranos. O mesmo autor também retirou a crença de que a “matriz” era um animal cheio de desejos próprios e acabou designando esses desejos à própria mulher.

Uma vez que o útero não é mais um animal selvagem e que não transita pelo corpo feminino, surge outra hipótese. A idéia é que o que causa a histeria é a retenção de sementes. Neste caso tanto a mulher quanto o homem podem sofrer do mesmo mal; é neste momento que o homem se insere na histeria, não como uma hipótese apenas, mas como uma afirmação. A histeria que acometia os homens era de outra ordem: seus sintomas eram mais depressivos e apresentavam mais distúrbios funcionais como a anorexia e problemas de digestão... Nesse sentido surge o conceito de hipocondria, que mais tarde será denominada uma espécie de histeria masculina.

A cronologia da histeria deve ser contextualizada historicamente, no momento em que a histeria passa a ser vista como uma doença ocasionada por

retenção de esperma; inicia-se o período da Inquisição da Igreja Católica. Este fato deslocará a questão da histeria (para outro lugar).

Na Idade Média cresce a crença em um ser maligno que habita um lugar terrível. O diabo possui o poder de se apoderar do corpo das pessoas e provocar reações fora do esperado. Os sintomas da histeria muitas vezes são convertidos em contorções;; muitas pessoas que sofriam destes sintomas eram chamadas de bruxas ou possuídas pelo diabo.

O traço essencial da histeria é o poder de enganar e persuadir o médico e “o outro”, de se mostrar como aquilo que não se é, nesse caso, na Idade Média, o diabo possuía as mesmas características, se apresentar num corpo que não é o seu, seduzir os outros, prever acontecimentos... Dessa forma os portadores da histeria eram necessariamente possuídos pelo diabo. As mulheres que praticavam a astrologia, ou qualquer outra arte divinatória - que não dissesse respeito aos preceitos católicos também eram ditas como possuídas, uma vez que qualquer idéia fora da ideologia católica era mentirosa, e o diabo era “o pai da mentira”.

Nesta época outra hipótese é tecida: a histeria passa da matriz e do esperma para algo de ordem neurológica. Com isso surge a “teoria dos vapores”.

A histeria até então estava inteiramente ligada ao sexo, tendo como tratamento a prática do mesmo, acometendo aqueles que não o faziam. A “teoria dos vapores” dessexualiza a histeria e ela ganha outro caminho, ao invés de debaixo para cima, agora ela vem de cima para baixo, ela passa a ser vista como uma falha neural. Agora se instala de fato o lugar dos homens na histeria. Casos de homens histéricos passam a ser documentados e estudos passam a ser realizados com maior frequência.

Sydenham é o autor mencionado acima que coloca a hipocondria como sendo a doença paralela à histeria, neste momento esta idéia torna-se mais forte ainda.

Durante o período da teoria dos vapores surge a idéia de uma causa não orgânica, ocasionada pela cultura. Esta descoberta leva o estudo da histeria para uma nova era, a era do romantismo. A mulher agora passa a ser vista de uma nova forma, onde ela tem o direito de desejar e ser desejada, cortejada, onde ela possui necessidades, um sexo, um corpo e uma cabeça diferente da dos homens.

O próximo passo rumo à compreensão da histeria é dado por Charcot. Jean-Martin Charcot foi um médico e cientista francês que alcançou a fama na segunda metade do século XIX com seus achados em psiquiatria. Charcot foi o primeiro homem a apresentar a sociedade casos de histeria masculina. Em seus trabalhos ele fazia um levantamento de sintomas, categorizava a histeria em traumática, transitória e grande (...) Outra grande descoberta feita por Jean-Martin Charcot foi o tratamento dos sintomas histéricos com a hipnose. No entanto, Charcot dedicou seu trabalho à parte fisiológica da doença; com isso o estudo do caráter psicológico da histeria fica endereçado a Freud.

Charcot foi professor de grandes nomes da literatura como Breuer, Binet, Freud, Babinski, entre outros. As aulas aconteciam na escola de *Salpêtrière* às terças-feiras, com a exposição de diferentes casos de pessoas histéricas.

Uma das grandes descobertas de Charcot é a hipnose por sugestão, onde ele desempenhava um tratamento em mulheres histéricas a fim de diminuir seus sintomas. Charcot foi um dos que mais contribuiu para os conhecimentos sobre histeria masculina e uma grande inspiração para Freud. Em suas pesquisas, ele surge com a teoria da histeria traumática. Esta categoria de histeria se torna praticamente sinônimo de histeria masculina. Com esta descoberta da “histeria masculina” - através da histeria de conversão - surge um debate entre médicos

alemães, para quem a palavra “histeria” deveria ser trocada por “neurose - para suavizar o peso do diagnóstico, pois durante muito tempo a histeria estivera relacionada às mulheres. No entanto Charcot não mudou a denominação; os alemães, entretanto, adotaram a palavra “neurose” e esse diagnóstico foi muito utilizado durante as guerras.

Como Freud foi um dos alunos da Salpêtrière, Charcot foi uma grande inspiração, principalmente no estudo da histeria, que mais tardiamente traria luz ao conceito de inconsciente, peça chave na teoria freudiana.

Freud inicia sua investigação sobre casos de histeria masculina e em resposta a um desafio de um de seus professores, decide apresentar o caso de um rapaz de 29 anos chamado August P. Esta apresentação segue os moldes nos quais Charcot baseava suas apresentações. A maior parte do artigo trata da parte física da manifestação do fenômeno, com apenas alguns dados relacionados ao caráter psicológico.

Freud anteriormente a este artigo publicado em 1886 havia publicado outro com o mesmo tema; no entanto, este não foi recebido de forma positiva. A sociedade médica alegava que a histeria se referia apenas às mulheres. Com isso pode-se dizer que o estudo baseado no caso de August P. teve melhor aceitação, porém podemos observar que em toda a obra de Freud o assunto histeria masculina possui menor menção.

Como pôde ser visto na cronologia do estudo da histeria o lugar que o homem histérico ocupa é menor em relação ao da mulher: os artigos publicados são em menor quantidade e, por consequência, o conhecimento em relação ao tema é menor.

Diz Freud:

(...) A histeria masculina tem a aparência de uma doença grave; os sintomas que ela produz quase sempre são rebeldes ao tratamento; a doença, em homens, de vez que a importância maior de implicar uma interrupção do trabalho, tem também maior importância prática.⁴

É preciso esclarecer que a constituição da histeria se aplica igualmente em homens e mulheres, no entanto os sintomas se diferenciam, nesse sentido a histeria é uma só, o modo como ela se manifesta em homens e mulheres é diferente.

II. A formação do sujeito histérico

Para que seja possível observar melhor o homem histérico é necessário compreender como este sujeito se constitui. Para isso o estudo da teoria psicanalítica se faz necessário.

Freud desenvolveu primeiramente um estudo sobre a histeria que apontava que a origem do recalçamento infantil em um trauma sexual vivido era produzido por um adulto no campo da realidade. Ao analisar melhor as fantasias decorrentes desse recalçamento primário Freud chegou à teoria que abraçamos hoje em relação ao estudo da histeria.

⁴ FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, Vol. I, p. 93.

De acordo com a segunda teoria de Freud a origem da histeria seria uma fantasia inconsciente, adquirida ainda quando criança devido ao violento surgimento da sexualidade na infância.

J. D. Nasio expressa o fenômeno assim:

(...) A sexualidade infantil é um foco inconsciente de sofrimento, pois é sempre desproporcional aos meios limitados, físicos e psíquicos, da criança.⁵

Ainda pensando sobre a cauda da histeria, o mesmo autor acrescenta:

(...) a causa principal da histeria reside na atividade inconsciente de uma representação superinvestida.⁶

Quando J. D. Nasio fala sobre a representação superinvestida isto significa que a fantasia do trauma infantil, daquilo que foi recalçado, fica investido com excesso de afeto, acabando por se converter no corpo, sob a forma de somatização, gerando diferentes possíveis áreas conversivas.

Outro ponto a ser debatido frente às origens da histeria é a angústia de castração, onde tanto o menino quanto a menina sofrem traumas durante a passagem da diferenciação dos sexos, ou seja, na fase fálica.

O menino vive essa fase diferentemente da menina; no entanto; a representação fálica deste momento acaba por ter a mesma funcionalidade para ambos.

A vida psíquica do histérico se estrutura a partir da fantasia visual, no caso da angústia de castração podemos pensar em uma criança que observa sua mãe nua, ao olhar para seu sexo percebe que nela existe a falta do pênis, isto é, do

⁵ NASIO, J.-D. *A Histeria. Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991, p 38.

⁶ *Ibid.*, p. 39.

falo; desta forma, o menino fantasia, com horror e prazer – simultaneamente - que se sua mãe não possui o falo é porque ela perdeu o direito de tê-lo, dessa forma existe um gozo ao perceber que o menino possui aquilo que sua mãe já não mais tem, e um medo profundo de que aquilo que foi retirado da mãe também possa ser retirado dele. Nesse sentido a ameaça da castração está iminente na vida psíquica do menino.

No caso das meninas a angústia da castração irá se instalar de forma diferente. Como a menina não possui o falo, a angústia de castração se constitui a partir de algo que lhe foi tomado, e não de algo que lhe será retirado. A castração é um fato consumado. A menina sente a falta de algo que deveria ter, o falo. Com essa falta ela irá reivindicar o falo que lhe falta no outro, no caso, a mãe.

Tanto o menino quanto a menina irão lutar pelo falo, seja pelo viés da ameaça ou da reivindicação.

Relacionado a esse tema J. D. Nasio coloca:

(...) o histérico seria a criança que não tendo podido ultrapassar psiquicamente esse estágio [da diferenciação dos sexos], permanece fixada nele.⁷ (p. 51-52)

Nasio se refere à fase fálica, onde acontece a diferenciação dos sexos. Até o presente momento, para a criança, todos eram providos de falo e do poder que ele continha; no entanto, ao observarem sua mãe nua, percebem que nem todos possuem o falo, desse modo o mundo passa a ser dividido entre aqueles que possuem o poder e os impotentes, entre os fortes e os fracos, belos e feios, bons e ruins...

Os histéricos são aqueles que, por não terem constituído a passagem pelo complexo de castração, encontram-se fixados nele e com isso cria-se uma das maiores angústias históricas, não saberem se são homens ou mulheres. As

⁷ *Ibid.*, p. 51-52.

pessoas histéricas não conseguem se apoderar de seu próprio sexo e transitam entre os dois, na tentativa errante de que se encaixem em algum.

Pensando nessa necessidade do falo que o histérico possui podemos observar o modo como ele coloca seu corpo. O corpo do histérico é extremamente erotizado. No entanto, as áreas genitais estão anestesiadas, toda a libido que deveria ser direcionada para o genital do histérico se espalha por diferentes partes do corpo, muitas vezes para as áreas conversivas. O fato de não possuir o falo ou de estar em constante ameaça pela falta do mesmo torna o corpo histérico o próprio falo. Se pensarmos nas conversão histéricas observaremos, partindo do pressuposto de que o corpo histérico é todo sexualizado, que a manifestação da conversão nada mais é do que um orgasmo, ou então a manifestação da sexualidade do histérico.

Freud comenta que:

Os sintomas da histeria realmente nos levaram a considerar que os órgãos corporais, além do papel funcional que desempenham, devem ser reconhecidos como possuidores de uma significação sexual erógena.⁸

Retomando a idéia de que o histérico é o próprio falo é possível pensar que por conta disso ele seja o desejo do outro, pois ele não é o próprio falo e sim o falo que não existe no outro.

Nasio explicita bem essa relação com a seguinte frase:

(...) ele é o falo. Vemos claramente que, para o histérico, ter o falo é, na realidade, sê-lo. Mas, que falo é esse? Justamente o que faltava à mãe, ao Outro castrado na fantasia de castração. Agora podemos compreender de onde vem o sofrimento vivido pelo histérico. O sujeito sofre por ter sido transformado no falo de que o Outro é castrado. Ele é o que o Outro não tem; e isso incomoda.⁹

⁸ Freud, Sigmund .*Obras Psicológicas Completas*. Rio de janeiro. Imago Editoras Ltda. Vol. XVI, p. 361.

⁹ Nasio.J. –D. *A histeria. Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor . p. 60

J. D. Nasio divide o sujeito histérico em três momentos, o primeiro deles é o *eu insatisfeito*, o segundo é o *eu histerizante*, e por fim o *eu tristeza*.

De acordo com este mesmo autor, o sujeito histérico é aquele que na relação afetiva com o outro impõe a lógica doentia de suas fantasias inconscientes. Nessa mesma fantasia o histérico desempenha o papel de vítima infeliz e constantemente insatisfeita. É esta sensação de constante insatisfação que irá marcar e dominar toda a vida do sujeito histérico.

O histérico é um ser de medo e que vive através deste mesmo medo. O medo do qual o histérico sofre é o de alcançar a satisfação de um gozo máximo. O sujeito sente que o alcance desse gozo absoluto é extremamente destrutível a seu ser, e caso ele se concretize o prazer do gozo o faria enlouquecer, dissolver-se e, por fim, desaparecer. Nesse sentido o medo da realização desse gozo torna-se a insatisfação, que vem como uma defesa para assegurar sua sobrevivência.

Nasio propõe que:

(...) São justamente o medo e a recusa obstinada a gozar que ocupam o centro da vida psíquica do neurótico histérico.¹⁰

O histérico, no intuito de afastar a ameaça do gozo máximo, constrói inconscientemente um cenário que comprove que a vida só é possível a partir do gozo insatisfeito.

O segundo estado da neurose histérica é o *eu histerizante*. O autor coloca que,

(...) histerizar é fazer nascer no corpo do outro uma fornalha ardente de libido.¹¹

¹⁰ *Ibid.*, p. 16.

¹¹ *Ibid.*, p. 17.

O sujeito histérico sexualiza não só seu corpo, mas também o do outro, como se o mesmo fosse apenas uma extensão de seu próprio e vice-versa. Analisando pelo viés de que o histérico é o falo do Outro - e nunca o próprio - não existe o desejo do outro e o de si mesmo, as coisas caminham juntas. O corpo do histérico é doado para o exterior a fim de despertar e viver sensações tão intensas quanto as que são produzidas internamente pelo outro. O desejo que o histérico desperta no outro - a partir desta doação e sexualização excessiva - alimenta o próprio sujeito, é como se o desejo do outro o alimentasse, sendo vivido no seu próprio corpo.

Neste sentido todas as relações acabam por ser sexualizadas, o sujeito desempenha este papel de forma inconsciente.

A erotização extremada que o histérico impõe em suas relações levam o Outro a crer que seu real desejo é levar a relação para a realização do ato sexual; no entanto, o desejo profundo do histérico é que a relação sexual fracasse, a fim de que ele possa continuar insatisfeito.

Por fim temos a posição do *eu tristeza*. Este estágio da histeria remete à grande confusão instalada pelas inúmeras fantasias vividas pelo histérico, nos diferentes papéis em que ele se coloca. Essa confusão mental traz para o sujeito a incerteza de sua própria identidade e como foi dito anteriormente a incerteza de saber se se é homem ou mulher. Nasio conta que apesar de transitar entre os papéis de homem e de mulher, o histérico está no lugar de um terceiro, daquele excluído da relação, aquele de quem o conflito surge ou ainda, graças a quem o conflito é aplacado. Homem ou mulher o sujeito está sempre na posição do excluído. É esta posição que caracteriza o nome do terceiro estado de histeria e a tristeza com a qual o histérico convive diariamente.

Nasio comenta que:

(...) O sujeito histérico já não é homem ou mulher, mas é agora a dor da insatisfação. E, com essa dor, fica na impossibilidade de se dizer homem ou mulher, de afirmar muito simplesmente, a identidade de seu sexo.¹²

É necessário ainda discutir sobre a vida sexual do sujeito histérico.

Como foi dito anteriormente o corpo histérico é por inteiro histericizado; no entanto, a área genital se torna anestesiada. Partindo desse pressuposto, o histérico não possui a oportunidade de gozar, ele pode chegar ao orgasmo, sentir prazer, mas estará sempre em constante luta contra o gozo máximo. Neste sentido é impossível que o sujeito histérico se satisfaça. Em suma, o histérico não se entrega ao parceiro a fim de desfrutar ao máximo do gozo da relação sexual, tornando-se mais uma vez insatisfeito.

Freud fala sobre o dilema da vida sexual de pessoas históricas:

O enigma contraditório suscitado pela histeria (...) [é] o par de opostos constituídos por uma necessidade sexual excessiva e uma rejeição exagerada da sexualidade.¹³

Nasio coloca que disfunções sexuais como impotência, vaginismo, frigidez, vigorexia, narcisismo e o exibicionismo são questões decorrentes da vida sexual levada pelos históricos; no entanto, iremos abordar esse assunto mais adiante.

Em sua teoria, Nasio não diferencia histeria masculina e feminina, o autor defende que uma vez que o sujeito histérico não sabe distinguir sua identidade sexual, fica impossível que haja uma separação entre a histeria acatada como feminina e a masculina.

O mesmo autor justifica seu ponto colocando que:

¹² *Ibid.*, p. 19.

¹³ Freud, Sigmund. *Obras completas psicanalítica*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. Vol.VII, p. 165.

O histérico é histérico por não ter conseguido tornar seu o sexo de seu corpo. Nesse sentido, não seguiremos os autores que, a partir de Charcot, têm afirmado a existência de uma suposta histeria masculina, diferente da histeria feminina. Não podemos confirmar suas afirmações pela simples razão de que o problema da histeria reside precisamente na impossibilidade de assumir psicologicamente um sexo definido.¹⁴

Apesar de Nasio não diferenciar a histeria entre homens e mulheres a expressão “histeria masculina” se faz necessária para a apresentação destes homens, objetos deste estudo, histéricos.

¹⁴ Nasio, J. –D. *Histeria. Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.. p. 66.

III. As novas representações históricas

O termo histeria recebeu ao longo dos anos um significado pejorativo. Chamar alguém de histérico, homem ou mulher, é muitas vezes ofender.

Para muitos estudiosos a histeria é um tema do passado, algo que não pertence mais à nossa era. Partindo desse pressuposto é necessário pensar onde se encontra a histeria. No entanto, podemos pensar que a fim de camuflar todo o significado que a palavra traz, a histeria mudou de lugar, e mudou de nome, também. Com isso surgiram nomes que são bastante atuais e aceitos, presentes nos novos catálogos de psicopatologias.

Como vimos no capítulo sobre a história da histeria, o pós-guerra trouxe muitos homens com sintomas semelhantes aos da histeria atribuída a mulheres; no entanto, para minimizar os efeitos que a histeria traz, o nome foi modificado para neurose traumática e não mais histeria traumática. A neurose traumática acabou obtendo um contorno honroso, pois os acometidos pela mesma tinham participado ativamente de guerras e resistido à morte, esta “neurose representava quase uma medalha por mérito”.

Lucien Israel, autor de “A histérica, o sexo e o médico” se questionou:

(...) Então, no que se transformam as histerias masculinas? Onde se encontram os homens históricos? [...] Os homens históricos estão escondidos. É no melhor dos esconderijos para um médico, sob uma outra etiqueta diagnóstica.¹⁵

Com esta questão iniciaremos os estudos destas outras etiquetas diagnósticas. Algumas das novas patologias que assumiram o lugar da histeria masculina e que observaremos neste trabalho são: a violência doméstica e os ataques de cólera, a impotência, a ejaculação precoce e o alcoolismo.

¹⁵ Israel, Lucien. *A histérica, o sexo e o médico*. São Paulo. Editora Escuta. 1995,p. 85

III.I. Violência doméstica e ataques de cólera.

De acordo com Sílvia Leonor Alonso e Mário Pablo Fuks as crises de cólera são a forma favorita de expressão da histeria masculina, segundo os mesmos, o ataque histérico feminino possui equivalência em relação aos ataques de cóleras nos homens.

Os autores colocam que:

(...) as histéricas são encontradas nos consultórios médicos e os histéricos nas delegacias, onde chegam como consequência das brigas, quebradeiras e violência contra as mulheres.¹⁶

A violência doméstica revela no homem sua impotência em lidar com as dificuldades cotidianas, com isso a exposição de sua raiva e a passagem ao ato de sua frustração por meio da violência possuem um caráter catártico para o homem, é similar à conversão histérica, pois além de todos estes componentes, existe aí também uma descarga libidinal.

Lucien Israel coloca a questão da cólera de maneira similar a de Alonso e Fuks:

Ser obrigado a levar em consideração os outros, em detrimento de si mesmo, faz com que cresça um sentimento de mal-estar que, não podendo ser suportado, não podendo ser descarregado por outras vias, explode na crise de cólera, verdadeira confissão de impotência, pois essa cólera, sem representar verdadeiramente um orgasmo, não deixa de produzir repouso.¹⁷

Durante o ato de violência a mulher assume um lugar de degradação e pormenorização (castração), o homem retira a mulher de um lugar investido de poder para colocá-la num lugar de submissão. Alonso e Fuks contam que após o

¹⁶ Alonso, Sílvia Leonor/ Fuks, Mário Pablo. *Histeria*. São Paulo. Casa do psicólogo. 2004, p. 84.

¹⁷ Israel, Lucien. *A histérica, o sexo e o médico*. São Paulo, Editora Escuta. 1995, p. 90.

momento de violência é sucedido pela expiação, onde o homem se dá conta do ato e surge um sentimento de culpa perante a mulher agredida, assim como para o pai, que pune o teor agressivo do ato, bem como o erótico. Esse movimento expiatório vem no sentido de recolocar a mulher no lugar investido de poder, no pedestal da idealização, prevalecendo mais o lugar da mãe fálica que o pai castrador.

O mesmo autor traz uma passagem que exemplifica o lugar que a mulher possui para o homem histérico:

(...) ele [homem histérico] é menos seguro de si, sentindo-se em geral em desvantagem ante a mulher, que ele idealiza e coloca em um pedestal.¹⁸

De acordo com Lucien o histérico é aquele que não saiu da competição infantil com o pai, este que não soube lhe mostrar que era mais forte, nesse sentido fica clara a posição da mãe fálica.

Com isso podemos pensar que o histérico se sente identificado com a figura do pai e submisso à figura da mãe fálica.

¹⁸ *Ibid*, p. 159.

III.II. A impotência sexual e ejaculação precoce

A impotência e ejaculação precoce podem ser vistas sob diferentes prismas, que ao final se complementam.

Podemos pensar inicialmente sobre a questão da sexualidade do histérico. Como vimos no capítulo da teoria da histeria, o histérico é aquele que erotiza todas as suas relações e todo o seu corpo, exceto a área genital. O sujeito histérico na relação com o outro está sempre incitando à relação sexual e caminhando para que ela aconteça; no entanto, ao passo que ela torna-se real, o sujeito boicota a mesma, no caso dos homens pela via da impotência. A necessidade da insatisfação que acompanha o histérico também age na hora da impotência, para que ele não chegue a atingir o gozo, não somente o orgástico, mas também o gozo absoluto.

A neurose histérica se dá no momento da diferenciação dos sexos, onde o menino observou que sua mãe não possuía o falo. Com isto instalou-se a angústia de castração: o menino acredita que o falo foi retirado da mãe e passa a ter medo que o mesmo lhe aconteça, abandonando desejos incestuosos. Ao relacionar-se com uma mulher o histérico pode retomar a sensação de angústia de castração e inconscientemente o medo de que a mulher lhe tire o falo, com isso a impotência age no sentido de protegê-lo desta mulher castradora.

Apesar do modo como as coisas caminham atualmente, com a cena de sexo promíscuo, sem compromisso, carinho ou amor, existe uma

impenetrabilidade do ser humano em relação ao outro, isto é, está cada vez mais difícil se envolver e se entregar ao outro. Acredito que esta, em si, seja uma posição histórica, onde a insatisfação e o medo do gozo absoluto estão intrinsecamente ligados a esta realidade.

Lucien Israel nos traz outro olhar sobre a impotência: o homem não consegue produzir uma ereção, pois está respondendo a um pedido inconsciente da mãe, mostrando-lhe que é por ela que ele se conserva, que é sempre por ela que ele está lá. O sujeito histórico quer ser para a mãe o fetiche que a garante como fálica. Pensando que Freud colocou que o filho é o falo da mãe, não há vontade de se comprometer. O autor ainda traz a possibilidade de que, curada a impotência, o histórico se mostre frígido, neste sentido podemos pensar que por trás da impotência vem a questão da área genital ser anestesiada no histórico, o que o impede de sentir prazer, não no sentido orgânico da palavra.

Alonso e Fuks nos trazem um olhar de certa forma parecido ao de Lucien: eles nos contam que o histórico entende, no ato sexual, que a mulher solicita que ele prove sua virilidade; com isso o medo do fracasso torna-se uma ameaça iminente ao ato sexual.

Vemos atualmente uma necessidade exacerbada do uso de álcool e drogas, tema que veremos a seguir, para que o homem consiga atingir os seus objetivos, principalmente na cama. Sob efeito de algum tipo de droga, legal ou não, o sujeito sente-se capaz de prover a mulher do objeto fálico que ele acredita ter que prover a ela.

Um discurso comum nos homens é dizer que na hora do sexo com uma mulher muito desejada, o medo de não ter ereção aparece. Isto acontece na impotência. Alonso e Fucks comentam sobre este assunto:

(...) quando chega o momento de apropriar-se do conquistado, não o consegue e repetidamente fracassa.¹⁹

Muitas vezes a falta de ereção acontece, pois os homens colocam a mulher num lugar idealizado, onde qualquer que seja sua performance, nunca será o suficiente. O histérico não consegue aproveitar aquilo que possui, nesse sentido acaba sempre fracassando.

A ejaculação precoce é outro tema que acomete na vida sexual de sujeitos histéricos.

Lucien analisa a ejaculação precoce de outra forma, bem como na impotência o homem foi criado pela mãe para responder às faltas da mesma; nesse sentido ele assume o papel de representação dessas determinadas faltas. Na ejaculação precoce o que acontece não se trata de não responder ao pedido, mas sim de responder a este mesmo pedido da forma mais rápida possível.

Lucien termina dizendo:

Contra ventos e marés, ele permanece o garotinho preferido de uma mãe de sonho. [...] O pretexto para evitar o definitivo de um engajamento qualquer será sempre a busca de uma imagem entrevista em um passado mítico: onde encontrar esse rosto feliz de uma mãe que exibiu demasiadamente seu calvário, reclamando uma indenização com juro.²⁰

¹⁹ Alonso, Sylvia Leonor/ Fuks, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2004, p. 181

²⁰ Israel, Lucien. *A histérica, o sexo e o médico*. São Paulo. Editora Escuta. 1995. p. 170.

III.III. Alcoolismo

O alcoolismo é uma das principais formas de expressão do homem histérico. Freud, em um artigo em 1888, disse que a embriaguez pode ser um fator desencadeante de ataques histéricos. O alcoolismo desenvolve diversos sintomas no sujeito, sintomas estes, histéricos, como amnésia e tremores.

Não é de hoje que observamos que os homens são mais recatados quando o assunto é sentimentos, emoções, angústias... Esse dado se traduz na clínica psicanalítica. Ainda hoje a maior parte de pessoas que procuram atendimento são mulheres, este campo ainda é minado para os homens. Até por conta disso que se diz que a histeria é pertencente á mulher, pois os sintomas recorrentes na histeria são mais comuns que nos homens.

Como foi dito acima o alcoolismo é uma via de expressão do homem; nesse sentido, a sintomatologia histérica vem no sentido de dizer aquilo que o homem não consegue expressar.

De acordo com Clícia Marina Magalhães Pereira:

(...) o alcoolismo pode ser uma forma do sujeito fugir a este enfrentamento da posição masculina, fazendo constituir uma relação ilusoriamente perfeita com o álcool.²¹

Esta citação remete com a dificuldade que o homem histérico possui em assumir seu próprio sexo, e sua sexualidade, neste sentido o álcool vem com o propósito de dar segurança para o homem sobre si mesmo e sobre sua sexualidade.

A autora Inez Lemos traz a adição ao álcool de fora bastante relacionada a histeria:

O gozo do alcoólatra é o gozo fálico. O álcool como sustentação viril.²²

Essa sustentação viril nos remete ao fato de que o álcool é muitas vezes utilizado por homens para que os mesmos se sintam mais seguros de si, de sua masculinidade e possam retribuir à mulher e à sociedade aquilo que ele acredita que elas esperam, um macho alfa.

Como foi retratado nas páginas acima, a crise colérica aparece, pois o homem não consegue lidar com as dificuldades cotidianas. Sebastian Salmen nos conta que as drogas atuam como uma nova forma de responder ao sofrimento. Neste sentido o álcool vem como um representante do sofrimento sentido pelo histérico em suas mais diversas dificuldades, medos e insatisfações.

O álcool muitas vezes é o desencadeador de diversas manifestações histéricas, como foi dito acima, podemos observar casos de mulheres espancadas por maridos que chegam a casa embriagados, “super-poderosos”. O álcool aparece na questão da impotência como uma forma de possibilitar dar à mulher o que ela espera receber, de acordo com a fantasia do homem, camuflar a

²¹ Pereira, Clícia Marina Magalhães. *Alcoolismo masculino e identificação: um traço cruel do pai?* 2005 p. 84. (Tese de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

²² Lemos, Inez. 2004. *O gozo cínico do toxicômano*.
<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/mental/v2n3/v2n3a05.pdf>

sensação de impotência sentida pelo homem e diminuir o sofrimento diante da mesma.

Acredito que existam outras drogas, no caso ilícitas, que proporcionam ao histérico efeito semelhante ao álcool, como a cocaína. No entanto o alcoolismo está amplamente difundido, pois é uma droga de fácil obtenção.

Em suma, o álcool funciona para o histérico como um inflador de ego, dando a sensação de potência e superioridade que o histérico acredita necessitar, bem como para um alívio de um sofrimento profundo, e seu sofrimento histérico.

IV. O homem no século XXI: histérico?

IV.I. A dança das cadeiras: o homem, a mulher e as novas configurações.

O homem, bem como a mulher, vem sofrendo uma série de mudanças de papéis desde o século passado. Com o aparecimento das Grandes Guerras que assombraram o século XX, as mulheres passaram a ocupar um lugar antes somente ocupado por homens, começaram a trabalhar em fábricas, ganhar salários, sustentar filhos e fazer jornada dupla de trabalho. No entanto, o tratamento para com as mesmas era completamente desigual em relação aos homens, as condições de trabalho eram piores e os salários mais baixo.

Com o passar dos anos, após lutas e protestos, as mulheres começaram a ganhar um espaço diferente, mais notório, mais igualitário em relação aos homens. Atualmente existem muitas mulheres em cargos importantes no mundo

corporativo, com seu próprio empreendimento e ganhando salários altos. Com tudo isso o número de mulheres que trabalha fora aumentou, enquanto a quantidade de mulheres que cuidam de casa diminuiu.

Essas mudanças entre os espaços ocupados por homens e mulheres foram assimiladas diferentemente por cada sexo. Maria Rita Kehl aponta que a adaptação a estes novos lugares foi mais difícil para os homens do que para as mulheres, levando em conta que as mudanças para os homens passaram a acontecer mais tardiamente. É possível perceber nos dias de hoje que o homem se encontra confuso em relação ao seu papel frente à sociedade, uma vez que as mulheres passaram a ocupar aquilo que eles assumiam como próprio. Essa confusão de papéis trouxe uma questão: qual o papel do homem? Qual o lugar do masculino?

Contardo Calligaris elucida esta passagem do homem e do masculino:

(...) E o lugar do provedor, que até então era exclusivamente masculino, passou a ser distribuído entre homens e mulheres. O homem não se justificava mais simplesmente por ser quem dava o sustento à família. E o avanço delas no campo até então masculino não parou por aí. Elas passaram a ser mães solteiras, não só por ação do destino, mas por vontade própria. Assim, outra faceta do papel do homem, o de ter e cuidar de uma família, também caiu por terra.²³

Com a citação de Contardo Calligaris podemos observar que o papel que o homem exercia e onde ele era fundamental passa a ser de menor valia, já que as mulheres não precisam mais do contato com o homem ou de um pai provedor para gerar um filho, a mulher pode escolher se quer ter um filho sozinha ou não. Os avanços da ciência no campo da fertilização colocam o homem em um lugar bem distante de tudo aquilo que ele representava há algumas décadas. Antigamente o homem possuía um papel fundamental na construção de uma família, provendo o sustento e a educação. Atualmente podemos observar que a mulher vem desempenhando este papel de pai/mãe frequentemente.

²³ Calligaris, Contardo. *Nossa como eles sofrem*. Veja, 30 de maio 2009, p. 18.

Uma grande mudança que vem abalando os homens é a dificuldade de serem pais, seja assumindo a paternidade de seu filho ou educando-o. Alguns parágrafos acima foi colocada a questão de que as mulheres podem optar se querem ter um filho a partir do contato sexual com um homem ou por inseminação artificial. O fato dos homens estarem sendo colocados de lado na concepção de uma criança dificulta ao homem sentir-se capaz e necessário na vida de uma criança. A mulher passou a conseguir sustentar e educar sua prole sem o auxílio do homem, ou colocando o homem apenas no lugar daquele que deve pagar a pensão mensalmente. O papel do pai em casais divorciados muitas vezes é reduzido ao dinheiro, a mãe assume todas as outras funções e o pai, que possui um papel crucial na formação de um sujeito fica de lado. A mulher assumiu o lugar fálico do homem e o retirou deste lugar, muitas vezes é difícil para o homem resgatar esse lugar perante o filho, uma vez que a mulher já tomou conta da situação. O homem vem se sentindo desinvestido e desnecessário quando se trata da criação de um filho.

Calligaris revela que o homem vem sentindo mais dificuldade em se sentir potente e viril, e que, para que isso ocorra, ele necessita agir de forma heróica, tal como um super-herói. O mesmo autor aponta que o homem vem se utilizando de artifícios que o retiram do lugar comum, como a prática de esportes radicais, se coloca em situações que apresentem risco mortal e levam uma vida sexual promíscua de modo a que a sua masculinidade venha a ser assegurada ou até mesmo resgatada.

O homem passou a não saber mais como "ser homem". Alguns começaram a encarar o risco mortal na prática dos esportes radicais como tudo o que lhes sobra de virilidade. Há outros que encaram a vida sexual como um lugar onde eles deveriam provar a sua masculinidade.²⁴

²⁴ *Ibid.* p, 18.

O homem procura viver a sua masculinidade desempenhando atividades que lhe façam fugir do cotidiano, pois a mulher vem disputando os espaços do dia-a-dia quase em pé de igualdade.

É fato que muitos homens também passaram a ocupar lugares femininos, como cuidar da casa, levar o filho para a escola, fazer o supermercado, etc. enquanto a mulher provê o sustento. Isto não significa que estes homens se sintam, necessariamente, mal com este lugar, ou mal adaptados. Nem todo homem encara as mudanças que vêm ocorrendo no campo do feminino e do masculino como ruins.

Podemos encarar essa dinâmica atual entre homens e mulheres como sendo histórica, uma vez que uma das questões principais em torno do sujeito histórico é não se reconhecer em seu próprio sexo, não sabendo se se é homem ou mulher.

IV.II. O homem e as relações amorosas.

O homem, com todas as mudanças que vem sofrendo, vive suas relações amorosas diferentemente de algumas décadas atrás. A sua relação com as mulheres e com seu próprio desejo se modificaram.

Os homens sempre estiveram focados na quantificação de suas parceiras, nos remetendo ao Don Juan, aquele que conquistava a todas as mulheres, mas não se entregava jamais. Atualmente esta realidade aparece cada vez mais acentuada.

O exemplo de Don Juan é apresentado aos meninos logo na pré-adolescência, onde quem possui o valor mais alto é aquele que beijou mais garotas. Este exemplo perpetua-se em muitos homens, que colocam o valor de seu poder de sedução e de sua virilidade no número de mulheres que conseguiu conquistar e levar para cama.

Pensando do ponto de vista teórico em torno da histeria, o sujeito histérico é aquele que se apropria do desejo do Outro como sendo dele mesmo, ele necessita desse desejo para sentir-se potente, nesse sentido quanto mais desejo ele cativar mais poderoso ele será. J. D. Nasio coloca:

(...) o histérico inventa e cria aquilo que percebe. Instala no corpo do outro um novo corpo, tão libidinalmente intenso e fantasístico quanto o é o seu próprio corpo histérico. É que o corpo do histérico não é seu corpo real, mas um corpo-sensação-pura, aberto para o exterior como um animal vivo, uma espécie de ameba extremamente intensa e dela se alimenta.²⁵

Relacionar-se com muitas pessoas é um meio de não se envolver com nenhuma de forma mais profunda. O sujeito histérico possui dificuldade em se entregar ao outro, tanto emotivamente como sexualmente, apesar de não aparentar devido à sexualização das relações que o histérico estabelece. Uma das grandes questões da histeria é a necessidade de insatisfação que o histérico possui. Estar insatisfeito é o modo que o histérico encontra de se proteger do perigo que assombra o histérico, a satisfação do gozo absoluto. O histérico sente que ao abraçar esse gozo seu ego se desintegra.

²⁵ Nasio, J. –D. *A histeria. Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1991, p 17.

Pensando nisso tudo podemos pensar em uma hipótese para a dificuldade de relacionamento entre homens e mulheres, o medo de que a entrega ao outro mate seu próprio ser.

A homossexualidade e a bissexualidade são temas polêmicos; no entanto, atualmente vemos uma maior aceitação por parte da sociedade em relação aos mesmos, o que não significa que não haja mais preconceito. A nova geração de adolescentes vem apresentando uma nova categoria de gênero sexual, os/as menines. Meninos e meninas que se caracterizam de forma andrógina e que se relacionam com o sexo oposto e o mesmo sexo na mesma medida. Os menines se experimentam como homens e mulheres e não assumem nenhum gênero específico. Esse “novo” gênero nos remete à questão da permanência do histérico no momento da angústia de castração, momento onde se inicia a diferenciação sexual, que o histérico não possui.

Como foi dito anteriormente, questão da diferenciação dos sexos é mais uma grande questão na histeria. O histérico não possui a identidade de seu sexo, não sabe dizer se é homem ou mulher, podendo transitar nos dois lados. Essa dificuldade de apropriar-se do sexo que o sujeito histérico possui se mostra de forma concreta nos menines. A fase da adolescência é uma fase de descobrimento e experimentação, o que poderia tornar os menines como sujeitos que logo estabelecerão seus sexos; no entanto, o modo como esses adolescentes atuam suas descobertas e experiências passam claramente por um funcionamento histérico.

O homem vem mudando sua postura em relação às questões amorosas, se esquivando de certos contatos, contabilizando suas conquistas, experimentando relações com ambos os sexos, se tornando alvo de conquista por parte das mulheres (...), mas uma questão permanece, o que o homem deseja em suas relações afetivas?

IV.III. O homem, seu corpo e sua sexualidade.

A relação do homem com seu corpo vem mudando ao longo das décadas. Com o passar do tempo o homem foi ficando cada vez mais vaidoso, tomando certos cuidados consigo - algo que antes só as mulheres tinham. Atualmente temos até uma classificação para homens extremamente vaidosos, os metrossexuais.

Os novos cuidados do homem com seu corpo vão desde horas na academia levantando pesos até cosméticos de alta tecnologia. O estereótipo de um corpo bonito também sofreu mudanças; aquilo que aparece nas propagandas e nas novelas são homens fortes, bronzeados e com seus cabelos impecavelmente bagunçados. A mídia possui papel de grande importância nessa mudança dos cuidados do homem com sua estética.

Discute-se muito o papel da mídia na sexualização excessiva que aparece na televisão e nos “outdoors”, mas geralmente esta discussão aponta para o lugar em que a mulher está sendo colocada e todos os malefícios à sociedade que este tema vem causando. No entanto, podemos pensar que os homens vêm sofrendo esta pressão da mídia tanto quanto as mulheres.

O corpo do sujeito histórico, de acordo com a teoria psicanalítica, é globalmente erotizado, nesse sentido seu corpo é seu cartão de visita, é um convite constante ao outro, ao prazer. Com isso podemos observar que o narcisismo é um caráter frequente entre os históricos, pois o valor atribuído ao corpo é máximo, uma vez que o corpo é o meio de transporte do histórico para transitar pelo mundo. O corpo do histórico é sensação pura.

Esta parte, referente à teoria, se aplica muito bem ao pensarmos na erotização excessiva por parte da mídia em relação aos homens e mulheres.

Podemos pensar além do que a mídia produz, as relações interpessoais estão cada vez mais sexualizadas e o sexo passou a ser algo banalizado por muitos.

Relatos de homens e mulheres que se conhecem e logo fazem sexo são muito comuns. A intimidade que o sexo requer é a intimidade do corpo, que já foi entregue ao outro muito antes de ambos tirarem as roupas; por outro lado, a intimidade que uma relação entre duas pessoas requer nasce de um contato mais demorado e mais profundo, contato esse que muitas pessoas procuram evitar.

Mais do que nunca podemos ver o homem intimamente ligado a seu corpo e o modo como ele se apresenta. Muitos homens passam horas nas academias de ginástica, levantando pesos exageradamente e inflando seus músculos, inclusive com a ingestão de anabolizantes. Como foi dito acima, a mídia possui papel fundamental na disseminação desse modelo, mas devemos nos ater ao papel que a histeria possui neste fenômeno.

Desde sempre meninos adolescentes e homens já formados gabam-se do tamanho de seus pênis, tomando esta medida como semelhante à sua virilidade e masculinidade. O homem que infla seus músculos fica forte, duro e potente. Podemos pensar que o histérico se utiliza deste artifício para o mesmo propósito da medição do tamanho do pênis, medir sua virilidade, potência e masculinidade. O sujeito, segundo a teoria histérica, não possui o falo, ele mesmo é o falo. Seu corpo é o falo, a partir disso fica cada vez mais clara a relação entre o corpo forte e a virilidade.

A mulher possui diversos artifícios para tornar-se feminina: coloca um batom, arruma o cabelo, põe uma roupa sensual... O homem, por outro lado não é munido de todas essas possibilidades, ou pelo menos não era. A masculinidade do homem era representada pelo sustento que ele provia à sua família, seu desempenho nos esportes, seu cargo no trabalho, entre outros. Com a mudança de lugares ocupados por homens e mulheres o referencial de masculino para o

homem tornou-se obscuro, com isso o homem iniciou uma busca por artifícios que o ajudassem a se assegurar de sua masculinidade e virilidade. Neste momento o homem começa a investir em seu corpo, em sua vaidade, tratando dos cabelos, unhas, pele, depilando seus pelos, malhando e se bronzeando. Com as mulheres ocupando novos lugares, que antes eram ocupados pelos homens, restou aos homens ocupar o lugar que somente mulheres ocupavam.

A preocupação excessiva do homem com seu corpo muitas vezes também existe nos homens homossexuais; no entanto, a homossexualidade não pode ser considerada um sintoma histérico, pois neste momento o homem escolheu seu sexo. Porém, muitos homens homossexuais possuem traços claros históricos.

Esse fenômeno pode ser observado a partir de outro prisma; homens e mulheres ficando cada vez mais femininos e masculinos, mulheres tornando-se fálicas para conseguirem cargos mais altos e homens se maquiando para ficarem mais bonitos. Mais uma vez vemos um possível sintoma histérico, onde homens e mulheres não conseguem se apropriar de seus sexos, transitando entre os dois.

O homem e seu corpo já não são mais os mesmos, as necessidades e as demandas sociais empregadas a este homem são outras e os lugares de homens e mulheres estão bem mesclados. Todavia, acredito que seja necessário colocar que esta é uma visão geral do que vem ocorrendo no mundo pós-moderno, o que não significa que todos os homens convivam com as mesmas questões referentes à sua masculinidade, ou que respondam a estes questionamentos da mesma maneira.

CONCLUSÃO

Com este trabalho pudemos perceber que a histeria é apenas um dos muitos caminhos para tentar compreender o homem contemporâneo.

O trabalho começa com o traçado histórico da histeria, o que nos traz o momento em que o homem entra na história da histeria, sempre de maneira bem discreta. A histeria sempre foi um tema tabu para os homens, pois esta neurose é considerada majoritariamente feminina.

A histeria masculina começa a ter corpo com o surgimento das guerras, onde homens apresentavam sintomas histéricos claros, o que era chamado de histeria traumática; no entanto, o nome passou a ser neurose traumática, a fim de preservar o homem do estigma da histeria.

Com essa mudança inicial vemos que chamar o homem de histérico é praticamente ofendê-lo; com isso os diferentes sintomas histéricos foram sendo denominados e relacionados de diferentes formas. Neste trabalho foram abordados alguns desses possíveis sintomas histéricos que acometem muitos homens na atualidade, como o alcoolismo, a violência doméstica e os ataques de raiva e a impotência e ejaculação precoce.

Os sintomas histéricos acima citados estão presentes no cotidiano dos homens há muito tempo; entretanto, atualmente eles aparecem com mais frequência, talvez por uma liberdade de discurso maior ou porque os homens vêm

somatizando com mais frequência por conta de uma nova realidade que não se apresentava há tempos atrás.

A apropriação das mulheres de novos espaços sociais anteriormente ocupados somente por homens vem causando um grande desconforto por parte dos mesmos, que não sabem onde cabem e que espaço representam o masculino.

Com este trabalho foi possível analisar como o homem está vivendo suas relações amorosas, e a relação que vem estabelecendo com seu próprio corpo. Muitas características destas relações podem ser observada sem outras eras, porém algumas destas mesmas apresentam-se de forma exacerbada, como a cultura pelo corpo ou a promiscuidade nas relações amorosas.

A identidade do homem a partir destas diversas mudanças encontra-se muito confusa, sem saber que lugar ocupar. Com isso os homens vêm procurando diferentes formas de se assegurar da própria masculinidade, seja nos esportes radicais, em situações de risco, tendo muitas parceiras, apostando em bingos e cassinos, bebendo, entre outros. Parece que os homens tentam com unhas e dentes defender ao menos algo que lhes caracteriza e pertença: a masculinidade e a virilidade.

Como já foi mencionado ao longo do trabalho, o objetivo do mesmo é colocar as questões que os homens estão vivendo e o modo de lidar dos mesmos, analisando estes elementos a partir a teoria psicanalítica sobre a histeria. Devo ressaltar que as análises aqui apresentadas em torno deste homem contemporâneo não se aplicam a todos. Não foi o interesse desta obra generalizar que todos os homens são histéricos; acredito, também, que existam diversas explicações para os temas abordados aqui, o que não invalida nem prioriza as que aqui foram colocadas.

O que pude perceber com a realização deste trabalho é que para além da incidência maior de homens histéricos na sociedade ou a presença maior de sintomas, a sociedade como um todo está se mostrando cada vez mais histérica, reverberando esta histericização nos homens.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Sylvia Leonor/ Fuks, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004

BIRMAN, Joel. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. *Nossa, como eles sofrem*. Revista Veja, 30 de maio 2009.

CHARCOT, Jean Martin. *Grande Histeria*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2003.

FONTOURA, Lucy Linhares. *Único no gênero...* Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre, n. 28, p. 9 – 15, abril 2005.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas*. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos* Vol. I. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

_____ *Fragmentos da análise de um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade, e outros trabalhos.* Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1972.

_____ *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise.* Vol. XVI. Riode Janeiro: Imago Editora Ltda. 1976

ISRÄEL, Lucien. *A histérica, o sexo e o médico.* São Paulo: Editora Escuta, 1995

KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença.* Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1996

_____ *Freud e os mistérios da masculinidade.* (2009)
<http://www.mariaritakehl.psc.br/busca.php>

LACAN, Jacques. *O seminário.* Vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LEMOS, Inez. *O gozo cínico do toxicômano.* 2004.
<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/mental/v2n3/v2n3a05.pdf>

NASIO, Juan David. *A Histeria. Teoria e clínica psicanalítica.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

PEREIRA, Clícia Marina Magalhães. *Alcoolismo masculino e identificação:um traço cruel do pai?* 2005. (Tese de Mestrado.Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

SAMPAIO, Camila Pedral. *Algumas idéias sobre pesquisa em psicanálise. J. psicanal.* [online]. jun. 2006, vol.39, no.70, p.243-255.
http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100016&lng=pt&nrm=iso.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia sobre as mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

TRILLAT, Etienne. *História da Histeria*. São Paulo: Editora Escuta, 1991.

WINTER, Jean-Pierre. *Os errantes da carne. Estudos sobre a histeria masculina*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2001.